

A MEMÓRIA E A FICCIONALIZAÇÃO DA DITADURA CÍVICO-MILITAR¹ EM

PONTOS DE FUGA, DE MILTON HATOUM

THE MEMORY AND THE FICTIONALIZATION OF THE CIVIC-MILITARY

Dictatorship in Pontos de Fuga, by Milton Hatoum

Renato de Azevedo Silva²

Os três primeiros romances de Milton Hatoum, *Relato de um certo Oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), têm como mote principal o drama familiar dos personagens e a cidade de Manaus como epicentro do enredo. É possível destacar nessas obras a especificidade de como são narradas, exigindo do leitor atenção, já que fogem do convencional. As duas últimas publicações do autor amazonense, que fazem parte da trilogia *O lugar mais sombrio*, inserem seus personagens diretamente na ditadura cívico-militar brasileira, ocorrem em cenários diferentes dos romances anteriores e desenvolvem a narrativa de modo bastante peculiar. O primeiro volume, *A noite da espera* (2017), tem as cidades de Brasília e Paris como cenário, enquanto o segundo, *Pontos de fuga*, lançado em 2019, pela

¹ Opta-se por denominar o período ficcionalizado na narrativa em análise como ditadura cívico-militar, pois o golpe que se instaura em 1964 teve o apoio dos militares e da sociedade civil. Schwarcz e Starling (2018) destacam que "a posse do general Castelo Branco era o prelúdio de uma completa mudança no sistema político, moldada através da colaboração ativa entre militares e setores civis interessados em implantar um projeto de modernização impulsionado pela industrialização e pelo crescimento econômico, e sustentado por um formato abertamente ditatorial." (p. 448-449).

² Mestrando, UFPR.

Companhia das Letras e que aqui será resenhado, desloca-se para as cidades de São Paulo e Paris, com duas linhas narrativas distintas: na capital paulista, de dezembro de 1972 ao final de 1977, e na capital da França, de janeiro de 1979 a março de 1980.

Eurídice Figueiredo (2017, p. 29) expõe que “a literatura sobre a ditadura se constrói a partir desse palimpsesto e cumpre o papel de suplemento aos arquivos que, ainda quando abertos à população para consulta, são áridos e de difícil leitura.” A pesquisadora reforça que toda obra ficcional que possibilite a reflexão sobre o ocorrido durante a ditadura iniciada em 1964 deve ser estudada por proporcionar não se esquecer o que foi perpetrado naquele momento de exceção.

Marilene Weinhardt (2015) destaca que é comum que o discurso memorialístico apareça na figura de um indivíduo de idade mais avançada e aponta que:

Entretanto, a ficcionalização da memorialística não é prerrogativa atribuída exclusivamente a narradores idosos. [...] discurso de memórias como recurso narrativo, o passado recente como tempo predominante da recordação, encenação do passado individual inscrito no passado da coletividade, permitindo assim uma leitura que se faça pelo viés das relações da ficção com a história. (WEINHARDT, 2015, p. 239)

Martim, o personagem central, é jovem. A distância temporal entre os textos que organiza e o momento em que os transcreve é bastante curta, entre dois e sete anos. Ele reconstitui suas memórias a partir dos próprios escritos e dos escritos dos outros, informação que nos fornece em *A noite da espera*, ao dizer que “sem a memória dos outros eu não poderia escrever.” (HATOUM, 2017, p. 71). Essa premissa é amplificada no romance em análise, já que, além do próprio diário, mais vozes constituem o enredo: os diários de Anita, Ox e Julião e as cartas de Lélío, Vana, Dinah, Cantora, Marcela e Laísa. Ox, em dada circunstância define o amigo como um “ladrão de memórias alheias.” (HATOUM, 2019, p. 244).

Essas lembranças e recordações que encontra nos diários e nas cartas reorganizam suas memórias. Mesmo que haja uma cronologia nas datas que se

apresentam nos textos, esses escritos não são apenas sobre o presente, estão recheados de lembranças do passado. O personagem, ao pensar sobre o seu processo de escrita, compreende que a reescrita possibilita novas interpretações: “Reescrever: intuir outra realidade, imaginar de novo.” (ibidem, p. 216).

A narrativa se desenrola de modo fragmentado, o que, conforme o próprio autor sugere em evento organizado pela Universidade Mackenzie, em 17 de junho de 2021 (DIÁLOGOS PPGL, 2021), reflete o período ficcionalizado, dado que o contexto em que os personagens estão inseridos é complexo, com informações desencontradas, em que tudo sofria interrupção e era descontinuado. Há discursos na obra que relacionam diferentes tempos em um curto trecho, como o que se apresenta na citação abaixo, na qual o narrador, em duas frases, faz referência ao tapa que levou do pai quando moravam em Brasília (em 1968), à peça teatral que Dinah encenava e um ator aparece para demonstrar indignação (em 1974), e às brigas que Rodolfo tinha com a mãe, quando eram casados e moravam na rua Tutoia, período externo aos seus diários (anterior, portanto, a 1967, quando era criança):

Às vezes, na noite de um domingo, quando o homem devoto voltava à Tutoia, eu me confinava no quarto e escutava o barulho dos livros atirados ao chão, as palavras perversas dirigidas à Lina, não muito diferentes dos insultos do ator-espectador grisalho contra Dinah, como se o final da peça fosse uma nova encenação das agressões do meu pai. Por que não reagi quando Rodolfo me esbofeteou em Brasília? (HATOUM, 2019, p. 162)

Fredric Jameson (2007, p. 192) destaca que “o romance histórico não deve mostrar nem existências individuais nem acontecimentos históricos, mas a interseção de ambos: o evento precisa trespassar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos.” A ficcionalização da narrativa em *Pontos de fuga* ocorre pelas vozes de jovens entre 20 e 25 anos. Essa apresentação pelo uso de diários e de cartas reforça o enfoque na experiência individual desses personagens, apontando para seus dramas pessoais, suas amizades, suas relações familiares e amorosas. O

plano público ou histórico é definidor das vidas ficcionalizadas, já que elas são atravessadas pelo contexto político e social: participam de manifestações, presenciam a repressão policial, conversam sobre o governo de exceção a que estão submetidas, escolhem o exílio como forma de se afastarem dos acontecimentos e são presas e torturadas.

A narrativa de *Pontos de fuga* (2019) apresenta um número considerável de referências que permitem lê-la da perspectiva da ficcionalização da ditadura cívico-militar brasileira. Em seu texto *Trajetos de uma forma literária*, Perry Anderson traz exemplos do que se encontra em tal cenário:

Ditaduras militares, assassinatos raciais, vigilância onipresente, guerra tecnológica e genocídio programado. O persistente pano de fundo da ficção histórica do período pós-moderno está nos antípodas de suas formas clássicas. Não a emergência da nação, mas as devastações do império; não o progresso como emancipação, mas a catástrofe iminente e consumada. (ANDERSON, 2007, p. 219).

Martim foge de Brasília para São Paulo porque, após quase ser preso, sabe que está vulnerável a perseguições políticas. Ele escapa de ser preso por ter se atrasado para uma reunião da *Revista Tribo*, em que vários de seus amigos acabaram presos. Entre eles, Lélío, o Nortista, que ficou na prisão por quatro meses. Sobre esse momento, o personagem amazonense afirma: “não sei onde fiquei preso; fui proibido de telefonar, escutava barulho de motor de avião, e com o zíper da calça marcava na parede cada dia que passava, até desistir. Não quero falar dos interrogatórios.” (HATOUM, 2019, p. 87-88). Sete anos depois, ele vai abordar o assunto numa carta que envia a Martim, o que reforça o quanto aquele momento o traumatizou, tanto que se mantém intrínseco à sua experiência: “Porradas na minha cara, na cabeça. [...] Me espancava, rasgava páginas do livro de Górkí, gozando com riso de carrasco, o olhar frio, brilhante de ódio.” (ibidem, p. 293).

Apesar de escapar da prisão em Brasília, Martim acaba preso em um protesto

que ocorreu na PUC, na noite de 22 de setembro de 1977, informação que nos chega pelas anotações de Anita. Em uma matéria da *Folha de S. Paulo*, 30 anos depois, pode-se perceber a truculência daquela noite: “A tropa lançou bombas e investiu com violência contra os estudantes, que tentaram se refugiar dentro da universidade. Os policiais arrombaram as portas das salas, prendendo e espancando professores, funcionários e alunos. Seis estudantes sofreram queimaduras.” (BOMBIG, 2007). Na obra de Milton Hatoum, narra-se:

“Vi na entrada da PUC dois corpos queimados por bombas”, disse Sérgio San. “Duas estudantes. Quis ir até lá, mas os soldados já tinham cercado os corpos. O prédio estava bloqueado. Desci uma rampa, e lá embaixo, numa sala, a tropa de choque caçava alunos e professores no forro do telhado. [...] Os policiais invadiram a sala, ninguém reagiu, a gente andou em fila indiana para o curral dos detidos. O comandante da repressão ameaçou dar porrada em todo mundo. [...] Vi um coronel apontar uma árvore e ordenar: ‘Aqueles dois barbudos vão numa viatura’. Um dos barbudos era o Martim. Por que só eles iam numa viatura? Iam ser conduzidos pra outro lugar? [...]”. (HATOUM, 2019, p. 254-255)

A república Fidalga, em que a maior parte dos personagens vive, chega ao fim quando Dinah, a namorada de Martim, é presa pelo regime opressor. Mesmo que ela não residisse no local, tinha amizade e relacionamento com a maioria dos moradores, o que gerou receio acerca das consequências que a prisão dela poderia causar àqueles com quem tinha contato e, por isso, batem em retirada. Aquela comunidade em que os personagens tinham alguma comunhão é destruída por eventos ligados ao plano histórico; a política repressiva da ditadura cívico-militar transpassa a república. Se a palavra “república” significa “habitação coletiva de estudantes”, podemos extrapolar para uma interpretação de como o golpe também destruiu o Estado brasileiro. Em um momento anterior, o personagem Lélío reclama das regras que tinham na Fidalga. Sua fala parece corroborar com essa possibilidade de interpretação: “Essa república parece quartel. Sou hóspede ou inimigo? Não tem mais hospitalidade nesta terra...” (HATOUM, 2019, p. 160).

E depois de mais de 30 anos desde a Constituição de 1988, nossa república volta a parecer um quartel. Nem na época da ditadura cívico-militar tivemos tantos militares em postos de poder quanto temos no atual governo. As obras da trilogia *O lugar mais sombrio*, de Milton Hatoum, tentam lidar com o passado histórico com o qual não estamos reconciliados. Há um trauma profundo que ecoa nos dias atuais, principalmente após a ascensão de Bolsonaro à presidência da república e de todas as ameaças por ele encabeçadas às instituições democráticas e à própria democracia.

Paul Ricoeur (2007) fala sobre como os traumas da memória coletiva reforçam uma memória histórica enferma, concluindo que feridas simbólicas precisam de cura e reforça que “o dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si.” (p. 101). No Brasil, não foi feita justiça às vítimas do estado repressor, os discursos de ordem e das benesses econômicas do período da ditadura permitiram que as ideias autoritárias do período chegassem ao nosso tempo como a promessa de um futuro. Paolo Rossi (2010), na mesma linha, esclarece que a relação entre memória e esquecimento é profunda e que “a exigência de um passado é frequentemente tão forte quanto a que diz respeito ao futuro.” (p. 25).

O exercício operado por Martim permite, ao olhar para trás, pensar sobre todas as ameaças à democracia que vemos encabeçadas pelo presidente do Brasil e traz à nossa memória as fraturas de um momento da história brasileira que precisa ser lembrado para que não se repita, já que “muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados da memória.” (RICOEUR, 2007, p. 452).

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos estudos*. São Paulo, n. 77, p. 205-220, mar. 2007.

BOMBIG, José Alberto. Invasão da PUC marcou a redemocratização. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, set. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2309200711.htm>. Acesso em: 9 jun. 2021.

DIÁLOGOS PPGL. O Tempo e o Lugar do Escritor, com Milton Hatoum. *Programa de Pós-Graduação em Letras*, jun. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6bMkWvXm9Qs&t=10s&ab_channel=ProgramadeP%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3oemLetras. Acesso em: 20 de jun. 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Pontos de fuga*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? In *Novos estudos*. São Paulo, n. 77, p. 185-203, 2007.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WEINHARDT, Marilene. Filhos da geração 1960/1970: herdeiros da memória. In ____ (org.). *Ficções contemporâneas: história e memória* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

Recebido em: 22/07/2021

Aceito em: 18/08/2021